

## **OS INDÍGENAS RIO-PLATENSES NA CARTOGRAFIA SEISCENTISTA: AS FONTES DA CONQUISTA E OS GEÓGRAFOS/EDITORES HOLANDESES**

PROTASIO PAULO LANGER<sup>1</sup>

O propósito do presente trabalho é analisar e tematizar a representação dos grupos indígenas rio-platenses na cartografia do século XVII. Nossa fonte primordial serão os mapas seiscentistas elaborados a partir de crônicas da conquista espanhola do Rio da Prata. Nesse sentido, este trabalho propõe tomar as cartas geográficas como corpus primordial, e os documentos escritos, sobretudo as crônicas, como contraponto.

Quanto à abordagem teórico-metodológica buscamos inspiração nos estudos que, nas últimas décadas, renovaram a história da cartografia desmistificando a suposta objetividade dos mapas ao apresentá-los como artefatos, constituídos em contextos sociais e culturais específicos, dotados de uma linguagem visual própria (Gomes 2004). Ou seja, os mapas são imagens. Em virtude de uma herança epistemológica racionalista/moderna, a fonte mais apreciada e incontestada do historiador é o documento escrito. A iconografia, geralmente, cumpre a função de ornamentar o discurso historiográfico construído sob o alicerce das fontes escritas e as cartas geográficas, mormente, cumprem um papel similar, qual seja, adornar as conclusões proporcionadas pelas fontes escritas.

De acordo com Michel Maffesoli, a referida tradição epistemológica sempre temeu as imagens por extrapolarem ou por não se sujeitarem ao domínio da racionalidade moderna. “A imagem sempre incomodou por ser artefato, criação humana, representação artificial gerada pelo homem. A fonte da imagem é tecnológica [...] Trata-se da oposição típica moderna ao que não pode ser dominado pelo cérebro, pela razão” (Maffesoli 2001: 81).

Portanto, imagens cartográficas, representação dos grupos indígenas e imaginário<sup>2</sup> colonial são ideias chave que orientarão o presente estudo, e serão elucidadas na medida em que

---

<sup>1</sup> Professor de História da América da Universidade Federal da Grande Dourados UFGD - MS

<sup>2</sup> Juremir Machado da Silva, como perspicaz leitor e intérprete de Maffesoli, expressou nos seguintes termos o conceito de imaginário: “O imaginário não é um mero álbum de fotografias mentais nem um museu da memória individual ou social. Tampouco se restringe ao exercício artístico da imaginação sobre o mundo [...] O imaginário é um reservatório/motor. Reservatório, agrega imagens, sentimentos, lembranças, experiências, visões do real que realizam o imaginado, leituras da vida e, através de um mecanismo individual/grupal, sedimenta um modo de ver, de ser, de agir, de sentir e de aspirar ao estar no mundo [...] Diferente do imaginado — projeção irreal que poderá se tornar real —, o imaginário emana do real, estrutura-se como ideal e retorna ao real como elemento propulsor. Motor, o imaginário é um sonho que realiza a realidade, uma força que impulsiona indivíduos ou grupos. Funciona como catalisador, estimulador e estruturador dos limites das práticas [...] Como reservatório, o imaginário é essa impressão digital do ser no mundo. Como motor, é o acelerador que imprime velocidade à possibilidade de ação.

forem evocadas. Assim sendo, o intuito não é buscar novos dados e interpretações de natureza estritamente geográfica ou etnológica, e sim, perceber como, pelas cartas geográficas, os cartógrafos criam, circulam e atualizam o imaginário europeu-colonial acerca dos grupos indígenas da referida região.

Nosso foco, portanto, são os indígenas representados nas cartas geográficas; ou ainda, o discurso cartográfico sobre os indígenas. Como já sinalizamos essa opção não dispensa as fontes escritas, mas supõe um diálogo com as mesmas na medida em que as imagens cartográficas assim o ensejam.

O foco principal será o Rio da Prata e, subindo seu curso, o rio Paraguai, sobretudo a província do Itatim. Como observa Maria de Fátima Costa (2007: 24), foi subindo o curso das águas do sistema fluvial platino que os espanhóis descreveram o entorno geográfico e empreenderam a conquista da América Meridional. Como, com que recursos e sob quais motivações a cartografia, do século XVII, gravou os grupos indígenas desse sistema fluvial será o foco da nossa análise.



Mapa 1. PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA [...] (1ª. edição de de Laet.- 1625)

1) *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA cum regionibus adiacentibus TUCUMAN ET S<sup>ta</sup>. CRUZ DE LA SIERRA: autoria, fontes e impacto na cartografia*

O Rio da Prata e seus tributários aparecem na cartografia a partir da segunda década do século XVI. Embora dezenas de cartas geográficas, do tipo portulano, exibam gravuras do cotidiano e dos “costumes” indígenas, na perspectiva dos conquistadores, até 1620 as distintas parciaisidades étnicas praticamente não figuravam nos mapas. Nesse quesito a grande novidade

cartográfica surgiu sob o título: *Paraguay, Ó prov. de Rio de la Plata cum regionibus adiacentibus Tucuman et Sta. Cruz de la Sierra*<sup>3</sup>.

O eminente pesquisador jesuíta P. Guillermo Furlong percebeu seu valor como documento histórico-geográfico e, tendenciosamente, propugnou que os jesuítas, principalmente Diego de Torres, fossem considerados autores desse mapa. Para Furlong, o P. Juan Romero S.J. foi o primeiro a descrever cientificamente a região do Paraguai em sua Carta Anua de 1596. Diego de Torres teria ampliado as informações de Romero, na Carta Anua de 1609:

[...] ampliou consideravelmente a informação que divulgou Romero [...] ao publicar as *Litterae Annuae* ou Cartas Anuas de 1609. **A ele [P. Diego de Torres] parece que se deve atribuir o célebre mapa rotulado *Paraguay o Provincia de la Plata con las regiones adyacentes, Tucumán y Sta. Cruz de la Sierra*, que compreende desde os 5 até os 37 graus de latitude e que foi reproduzido por Laet em 1633, Blaeu em 1634 e 1661, Juan Jansson em 1653, Montano em 1671, Ogilby e Allard em 1696, sem contar as edições posteriores que não foram menos numerosas (Furlong 1994 [1933]: 43-44).**

Se por um lado a intenção não é polemizar com o célebre historiador Furlong, por outro, a citação acima merece algumas ponderações. Há décadas a historiografia reconhece os notáveis conhecimentos geográficos e etnográficos elaborados, sob a forma de Cartas Anuas, pelos protagonistas da conquista espiritual do Paraguai colonial. Todavia, propor que, em consideração a tais conhecimentos, os jesuítas sejam declarados autores do mapa *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA*, sem evidenciar qualquer fonte cartográfica que respalde essa asserção, dá a impressão que o autor quer arrogar aos jesuítas trabalhos de outrem.

Furlong tem razão ao arrolar uma lista de cartógrafos/editores que publicaram o referido mapa, mas não apresenta nenhum dado que autoriza vincular sua autoria aos jesuítas. Mesmo assim, a autoridade de Furlong nunca foi posta em xeque. A historiadora Maria de Fátima Costa (1999: 142) não considerou a sugestão de Furlong e propôs que o mapa tenha sido traçado por Jodocus Hondius II e que seu concorrente, Blaeu adquiriu cópias das mesmas pranchas e que ambos publicaram o mesmo mapa em 1630<sup>4</sup>.

<sup>3</sup> O primeiro título desse mapa foi exarado em holandês: *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA; met de aenpalende landen van TUCUMAN, ende STA. CRUZ DE LA SIERRA*. Nas edições francesas de 1630 e 1640 o título foi latinizado da seguinte forma: *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA cum adiacentibus Provinciis quas vocant TUCUMAN, ET STA CRUZ DE LA SIERRA*. Todavia, nos Atlas de Ioannes Janssonius e de Blaeu, que se tornaram os mais conhecidos, o título passou a ser: *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA cum regionibus adiacentibus TUCUMAN ET S<sup>TA</sup>. CRUZ DE LA SIERRA*.

<sup>4</sup> Num artigo de 2007 Maria de Fátima Costa retomou a discussão em torno da “disputa autoral” acerca do *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA*. De acordo com Costa: “Hondius II era cunhado de Janssonius, ambos

Arthur Barcelos analisou o mesmo mapa, mas não tomou partido entre a posição de Maria de Fátima Costa, e a sugestão de Furlong que dizia que se tratava de um mapa jesuítico de 1609. Apenas observou que o mapa deve ser anterior às missões do Guayrá e que “permanece a dúvida sobre qual teria sido a fonte das informações geográficas e cartográficas utilizadas” (Barcelos 2006: 283). É precisamente essa dúvida que pretendemos dirimir nas próximas páginas cotejando a documentação que arrola os topônimos e etnônimos que constam no mapa.



rivais de Blaeu. Antes de falecer, porém, em 1629, Hondius vendeu a Blaeu um lote de pranchas de cobre gravadas com desenhos de alguns dos seus mapas, dentre os quais o da Província do Paraguai. Janssonius deplorou o fato e, tentando remediar a perda, procurou os gravadores e lhes encomendou reproduções dos antigos desenhos vendidos a Blaeu. Desta forma, tanto Janssonius como Blaeu passaram a possuir e publicar cópias idênticas” (2007: 27-28).

Quanto à cronologia é importante destacar que a primeira edição que encontramos do *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA* é do ano de 1625 e encontra-se na obra *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van West-Indien* [...] (Mundo Nuevo o descripción de las Indias Occidentales)<sup>5</sup>, de autoria Joannes de Laet (ou latinizado *Ioannes Latius*). Embora essa carta tenha se popularizado a partir do ano de 1630 quando dois cartógrafos/editores holandeses concorrentes – Ioannes Ianssonius e Willem Janszoon Blaeu – a publicaram em magníficos atlas, em sucessivas reedições ao longo de décadas, neste estudo creditamos o referido mapa a Joannes de Laet ou a algum dos seus colaboradores.

De Laet foi um dos fundadores e diretor da Companhia Holandesa das Índias Ocidentais e, além da prática comercial, foi geógrafo, escritor e estudioso dos manuscritos, crônicas e mapas dos conquistadores da América. O décimo segundo livro (*twaelfste Boech*) da obra é dedicado ao *Rio de la Plata* e na abertura desse livro figura a referida carta. Porém, não há qualquer menção à autoria do mapa em si. Na obra de de Laet, o mapa está a serviço do texto pois enquanto o texto historia as expedições de descobrimento, conquista e fundação de povoados, o mapa expressa o esforço de situar sobre um plano geográfico os grupos étnicos com os quais os conquistadores se depararam ao longo do curso do Rio da Prata. Nesse sentido, mapa e texto buscam proporcionar ao leitor a sensação de participar das expedições de conquista, no tempo e no espaço. Pela acuidade em localizar cada grupo nativo nos espaços em que os relatos os situam esse mapa pode ser considerado como um dos pioneiros da cartografia etnográfica sul-americana.

Embora esse mapa tenha tentado abarcar e codificar múltiplos temas e aspectos de uma vasta região geográfica, na presente análise interessa observar como foram acionadas e que fontes serviram ao cartógrafo/geógrafo na distribuição das parcialidades indígenas no espaço platino.

Para o baixo Rio da Prata, entre os 36 e 25 graus de latitude, prevalecem os etnônimos registrados por integrantes da expedição de Cabot (1526-30) cujos informes resultaram num relato intitulado *A REPORT of a voyage of two Englishmen in the company of Sebastian Cabota, intended for the Malucos by the Streights of Magellan* [...] <sup>6</sup>. A sequência geográfica da

<sup>5</sup> Em 1625 Laet publicou *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van West-Indien, uit veelerhande Schriften ende Aenteekeningen van verscheyden Natien*. No século XVII essa obra foi publicada também em latim e francês. Somente em 1988 foi traduzida para o espanhol. Cf. Laet 1625; 1988 [1625].

<sup>6</sup> De acordo com Sheila Moura Hue o texto acima foi “elaborado a partir de uma carta de Robert Thorne e provavelmente também a partir de ‘The book made by the worshipful Master Robert Thorne in Anno 1527’,

distribuição das parcialidades étnicas e a coincidência ortográfica, entre os etnônimos do mapa e os que constam no fragmento a seguir, são indicativas de que o *A REPORT of a voyage* serviu de fonte ao cartógrafo que elaborou o *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA*.

De **Santo Spirito** a um povo que se chama os **Tenbuis** são 15 léguas. Este é o braço estreito pelo qual se passa o Rio Paraná [...] A partir dos **Tenbuis** por este braço estreito para cima até aos **Quiloacas**, que é uma outra nação, são 20 léguas; [...] Desde os **Quiloacas**, para um lugar onde os espanhóis edificaram agora uma cidade, são 15 léguas. A partir desta cidade ao povo chamado os **Mequaretas** são vinte léguas. [...]. De todas essas léguas 30 são terras submersas: onde estão muitas ilhas, apartamentos, e nações inimigas. A partir dos **Mequaretas** ao povo chamado **Mepenes** são esses 30 léguas.

Entre os etnônimos grifados acima apenas *Tenbuis* sofreu uma alteração vocálica e ficou *Tenbues*; já os *Quiloacas*, *Mequaretas* e *Mepenes* foram gravados, no mapa, de maneira idêntica<sup>7</sup>. Além dessas similaridades, o texto acima menciona a cidade de Santo Spirito e outra cidade construída pelos espanhóis; o mapa assinala *S. Spirito ó Torre de Gaboto* e, logo acima, *Santa Fe*, (cidades construídas pelos espanhóis). Portanto, para esse trecho do Rio da Prata há quase uma justaposição do *A REPORT of a Voyage* sobre o mapa *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA*.

No trecho de Assunção até os *Paraguaes* [Payaguá] entre 25 e 19 graus de latitude, os nomes étnicos e geográficos constantes no mapa denunciam a peculiar ortografia da *Warhafftige Historien Einer Wunderbaren Schiffart / welche Ulrich Schmidel von Straubing/ von Anno 1534. bisz Anno 1554 in Americam oder Newenwelt/ bey Brasilia vnd Rio della Plata gethan*, de Ulrich Schmidel<sup>8</sup>. Lugares e parcialidades étnicas que, em seu tempo, só Schmidel grafou

---

manuscrito 100 da coleção Londsdowne, atualmente na British Library” (Hue 2009: 48). O título completo do documento é: *A REPORT of a voyage of two Englishmen in the company of Sebastian Cabota, intended for the Malucos by the Streights of Magellan, but performed onely to the river of Plate in April 1527. Taken out of the information of M. Robert Thorne to Doctor Ley Ambassador for King Henry the eight, to Charles the Emperour, touching the discovery of the Malucos by North*. Esse documento está disponível na coletânea de Hakluyt (1891 [1552-1616]: 306-314).

<sup>7</sup> Vale observar que nas demais crônicas da conquista do Rio da Prata esses nomes foram grafados de forma muito distinta. **Tenbuis** (Ramírez 1941 [1528] = *Tinbus*; Schmidel = *Tyembus*); **Quiloacas** (Díaz de Guzmán 1835 [1612] = *Quiloazas*; Schmidel = *Gulgeissen*); **Mequaretas** (Ramírez = *Mecoretas*; Schmidel = *Machueradeiss*); **Mepenes** (Schmidel = *Mapenus*; Ramírez = *Mepesus*)

<sup>8</sup> A obra de Schmidel recebeu diversas edições e traduções. Uma das mais antigas e que serviu de base para diversas traduções foi publicada em 1599 por Levinus Hulsius. Na edição espanhola o título acima foi simplificado para *Viaje al Río de la Plata*. Schmidel foi um mercenário germânico que, em 1534, se colocou a serviço da expedição militar, dirigida por Pedro de Mendoza, ao Rio da Prata. Ao longo de quase 19 anos prestou serviços aos governadores espanhóis que, no intento de alcançarem fabulosas minas de prata, lançavam expedições e estabeleciam povoados e fortalezas ao longo do curso fluvial platino. A obra de Schmidel, escrita por volta de 1567, narra as peripécias da fundação de Buenos Aires e Assunção, das incursões ao pantanal e da travessia do

daquela forma, aparecem no mapa de de Laet – e nos mapas subsequentes nos quais Janssonius e Blaeu gravaram suas firmas. No conjunto topo/etnográfico do Rio da Prata colonial o nome mais exótico que figura nos diversos mapas que tomaram o de Johannes de Laet como modelo, é *Weibingo*<sup>9</sup>. Nem os cronistas quinhentistas contemporâneos de Schmidel e tampouco os jesuítas seiscentistas registraram qualquer nome semelhante. Mesmo assim, *Weibingo* figura, não apenas nas múltiplas edições do mapa de de Laet, como também, em dezenas de cartas geográficas que representam todo o continente americano e até em mapas-múndi.

Para Schmidel *Weibingo* seria a denominação de uma (entre tantas outras) aldeia de guarani falantes na qual a expedição se provia de alimentos enquanto arribavam o médio/alto curso do Rio Paraguai. Segundo o cronista nesse povoado “que se chama *Weybingon* [as vezes Schmidel grafa *Weibingen*] que dista 80 millas [léguas] da cidade de Nossa Senhora da Assunção tomamos nós, destes Cários, comida e tudo o mais que nos fazia falta e o que deles pudemos conseguir” (Schmidel 2008 [1567]: 42).

Além desse nome, um tanto inusitado, no mapa em análise há outros nomes registrados por cronistas quinhentistas, cuja sonoridade linguística destoa da topo-etnonímia rio-platense: *Tocanguzir*, *Abangobi* e *Storting* situados entre os rios atualmente denominados Iguazu e Paranapanema seriam, para Jacques de Mahieu<sup>10</sup>, evidência de antigas colônias vikings nas terras altas e baixas da América do Sul. Sem mais comentários acerca dessa teoria, rica em imaginação e parca em fundamentação histórica, há que se destacar que Jacques de Mahieu, e seus discípulos, incorrem em sérios equívocos ao partirem do pressuposto que o mapa *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA* é de autoria jesuítica. De Mahieu aceitou, sem

---

Gran Chaco até os pés da cordilheira andina. O valor dessa obra, como fonte histórica e etnográfica sobre a região platina é inestimável.

<sup>9</sup> Samuel A. Lafone Quevedo, que escreveu o prólogo, as notas e fez a tradução de Schmidel, do alemão para o espanhol, entendia que *Weibingo* era uma germanização de *Guayviaño* nome pelo qual Álvaro Núñez Cabeza de Vaca e Antonio de Herrera se referem à última aldeia de guarani falantes às margens do Rio Paraguai, antes de adentrar ao bioma atualmente conhecido como Pantanal (Schmidel 1903 [1567]: nota 386). Da nossa parte não vemos relação linguístico-fonética entre *Guayviaño* e *Weybingo*. O certo é que confusões linguísticas e o emprego de palavras germânicas para exprimir peculiaridades próprias da região platina são recorrentes na obra de Schmidel.

<sup>10</sup> Jacques de Mahieu, um francês pró-nazista que após a Segunda Guerra se estabeleceu na Argentina, onde foi político e professor de antropologia, afirmava que *Tiahuanaco* foi um reino viking. Esse reino teria tido uma conexão com o Atlântico sendo que, nesse trajeto, *Weibingo*, *Storting*, *Tocanguzir*, *Abangobi* teriam sido aldeias vikings que se fundiram com a população indígena local (Mahieu 1979: 88-91).

mais, a proposição de Furlong<sup>11</sup> de que esse mapa foi elaborado pelo P. Diego de Torres, e anexado à sua Carta Anua de 1609, e que as fontes para sua elaboração provinham de informações coletadas *in loco* pelos jesuítas. Todavia, no texto que acompanha o mapa de de Laet, percebe-se uma justaposição das crônicas quinhentistas para a carta geográfica. *Weibingo*, por exemplo, só aparece na crônica de Schmidel enquanto *Tocanguzir* e *Abangobi* são nomes de principais de aldeias guarani nas quais Cabeza de Vaca, em sua viagem a pé de Santa Catarina até Assunção, se locupletava de alimentos (Núñez Cabeza de Vaca 1922 [1555]: 170-171). *Storting*, todavia, ainda não localizamos em qualquer documento.

Voltando ao Rio Paraguai, a partir de *Weibingo*, rio acima, outros três grupos que Schmidel descreve foram inscritos um a um, no referido mapa, com ortografia similar e na mesma sequência em que ocorrem no texto do cronista alemão. Os capítulos 34 e 35 da edição preparada por Levinus Hulsius, em 1599, arrolam, já nos títulos, as parcialidades étnicas estabelecidas no roteiro da expedição.

„	34.	Asuncion wird besetzt; wir schiffen den Fluß Paraguay hinauf; kommen zu Monte S. Fernando, Paiembos, Baschrepos und Surucusis	75
„	35.	Hernando de Rivero schiffet den Fluß hinaufwärts, kommt zu den Guebuecusis und Acares	77
Títulos dos capítulos 34 e 35 de Schmidel (1914 [1599]) <sup>12</sup>			

No excerto acima o título do capítulo 34 anuncia que, subindo o Rio Paraguai, a expedição chegou ao *Monte S. Fernando, Paiembos, Baschrepos e Surucusis*. O capítulo 35 noticia que Hernando de Rivero [Ribera] navegou rio acima e chegou aos *Guebuecusis e Acares*. Portanto, entre 25 e 19 graus de latitude o cartógrafo só aplicou Schmidel.

Depois dos *Guebuecusis*, entre 19 e 14 graus de latitude, rio acima no mapa, a topo/etnonímia de Schmidel é substituída pela de Cabeza de Vaca: os *Bascherepos* reaparecem como *Guaxarapos* e os *Paiembos* como *Paraguaes*. Na outra margem do rio o mapa apresenta

<sup>11</sup> Por sua autoridade acadêmica em história rio-platense, o que o P. Furlong sugeria, alguns historiadores, como de Mahieu, tomavam como verdade acabada. Em sua obra sobre os Vikings, de Mahieu publicou um fragmento do *Paraguay, Ó prov* apresentando-o como um “Mapa Jesuítico de 1609” (Mahieu 1976: 88).

<sup>12</sup> Luis Guilherme Kalil informa que a primeira edição da obra de Schmidel foi lançada por Martín Lechler em 1567, na feira do livro de Frankfurt. Nas décadas seguintes a “*Viaje al Río de la Plata* foi republicada várias vezes ao longo das últimas décadas do século XVI, pelas casas impressoras de Levinus Hulsius e Theodore de Bry. Tais editores não só adicionaram ilustrações, como também alteraram seu texto. Hulsius, que asseverava possuir o manuscrito original, indicou, logo no título de sua edição, que ‘fez melhoramentos e correções de nomes de cidades, países e rios’” (Kalil 2008: 150).

os *Chanesses*, *Xaquesses* e *Xacoaes*. Cabeza de Vaca situa esses grupos numa paisagem “pantaneira” em que rios e lagoas se confundem:

Seguindo a pé pelo rio (Iguatu) acima, entramos por outra boca, de outra lagoa, que tem mais de uma légua e meia de largura, [...] e fomos nos colocar naquele dia, as dez horas da manhã, na entrada de outra lagoa onde tem seu assento e povoado os índios *sacociés* e *xaqueses* e *chaneses* (Núñez Cabeza de Vaca 1922 [1555]: cap. LIII, 278-279).

Herrera y Tordesillas – cronista que não participou da conquista do Rio da Prata, mas que se serviu dos relatos dos conquistadores – transcreveu esse mesmo trecho da jornada nos seguintes termos:

E caminhando pelo Rio [Iguatu] acima, entraram por outra boca da mesma Lagoa, que tem mais de légua e meia de largura, [...] e dali foram se colocar na entrada de outra Lagoa, onde tem seu assento e povoado os índios *Xacociés*, *Xaquesses*, e *Chanesses* (Herrera y Tordesillas 1728 [1625]: Década VII, Cap. XVI, p. 127).

Quando *de Laet* redigiu seu livro sobre o Rio da Prata fez alusão aos mesmos grupos, na mesma sequência, embora com pequenas variações vocálicas e consonantais: “Depois se chega ao lago do qual surge o rio Paraguay, como também outro rio chamado Yguatú. Os *xacoaes*, *xaquesses* e *chanesses* vivem ao largo das margens deste último, donde, através de pântanos, se passa à província de Xarayo” (Laet 1988 [1625]: 407). Portanto, de Laet manteve a mesma sequência das fontes anteriores e situou esses etnônimos no seu mapa, também na mesma sequência e com a ortografia idêntica com a do seu texto. Mais uma vez, não há nada jesuítico na toponímia e etnonímia do *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA*<sup>13</sup>.

Portanto, a distribuição dos grupos étnicos ao longo do Rio da Prata, e de seus tributários, é obra da cartografia holandesa, mais especificamente de Joannes de Laet que, a partir das crônicas da conquista espanhola, publicou o primeiro mapa no qual os grupos indígenas foram nomeados e gravados nesse gênero de representação gráfica.

<sup>13</sup> Além desses argumentos vale observar que um topônimo-etnônimo central na atuação missionária jesuítica no Paraguai, o Itatim (Ytatyn), aparece na margem direita do Rio Paraguai. Isso parece corresponder com a “Provincia de Itatín” de Santa Cruz de la Sierra (cf. o artigo de Chamorro, Combès e Freitas nesse volumen). Os “titanes” que aparecem no mesmo mapa são estes mesmos “itatines” do oeste do rio Paraguai, assim mencionados numa anônima *Descripción General del Perú* de inícios do século XVII (1906 [s. XVII]). Já na documentação jesuítica do século XVII o Itatim correspondia a uma faixa do atual Mato Grosso do Sul, situada entre os rios Apa, ao sul, e o Taquari, ao norte; ambos afluentes da margem esquerda do Rio Paraguai.

Em resumo, as três fontes primárias que fundamentaram essa distribuição dos grupos étnicos à margem do Rio da Prata são: *A REPORT of a voyage; Warhafftige Historien Einer Wunderbaren Schiffart* e os *Comentários* de Cabeza de Vaca. Além dessas, fontes indiretas tais como as *Décadas* de Antonio de Herrera, que já apresentam uma sistematização das fontes primárias devem ter sido consultadas. A mesma relação que se observa entre o texto de Antonio de Herrera e a obra de de Laet, Maria de Fátima Costa (1999: 143-146) observou entre A. de Herrera e um texto explicativo, no verso do mapa editado por Blaeu, que descreve a Lagoa de Xarayes. Portanto, mesmo focando apenas o “roteiro etnográfico” do Rio da Prata e Paraguai, percebe-se que o *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA* é resultado de uma miscelânea de informes – históricos, geográficos e etnográficos – que foram costurados e amalgamados com o intuito oferecer ao leitor europeu um panorama geo-etnográfico colonial do sistema fluvial platino.

Em se tratando da região platina, ao longo do século XVII, esse mapa foi a grande referência. A partir dele o curso do Rio da Prata deixa de ser representado como um espaço vazio a ser preenchido com gravuras alusivas à antropofagia, ao escambo, ao trabalho colonial indígena ou outros temas de interesse do cartógrafo/ilustrador<sup>14</sup>. O traçado do percurso dos rios, com sua nominata étnica, foi tomado como modelo por dezenas de cartógrafos/editores que se apropriaram, inicialmente, do mapa de Laet e, em seguida, das cópias de Blaeu e Janssonius. As reiteradas reedições do mesmo mapa, ou de outros mapas com os mesmos etnônimos e topônimos, como se esses dados fossem inalteráveis ao tempo e aplicáveis ao espaço platino, em qualquer escala geográfica denota que o *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA* foi o grande modelo cartográfico para essa região.

A esse respeito, cabem dois exemplos. Em 1660, o holandês Frederik de Wit, elaborou uma carta das três Américas (*Nova et accurata totius Americae tabula*) e, nos meandros fluviais platinos seguiu, *ipsis litteris*, o referido protótipo. Nicholas Visscher (1695), já às vésperas do século XVIII, publicou um mapa-múndi (*Novissima Totius Terrarum Orbis Tabula*) no qual gravou etnônimos que haviam desaparecido da documentação histórica do século XVII, como *Weibingo*, *Xacoaes* e outros que figuram no mapa de de Laet. Todavia, se por um lado a cartografia neerlandesa pode ser criticada pelo tratamento impróprio das fontes, pelos plágios e

---

<sup>14</sup> Até 1625, a cartografia, de um modo geral, preenchia os “espaços vazios” da América do Sul com gravuras alusivas à fauna, aos costumes e ao trabalho colonial dos indígenas etc. Nesse sentido, o carregamento do Pau Brasil, cenas de guerra e antropofagia foram as mais usuais. Em termos de nomenclatura étnica, porém, a cartografia precedente a de Laet foi extremamente discreta.

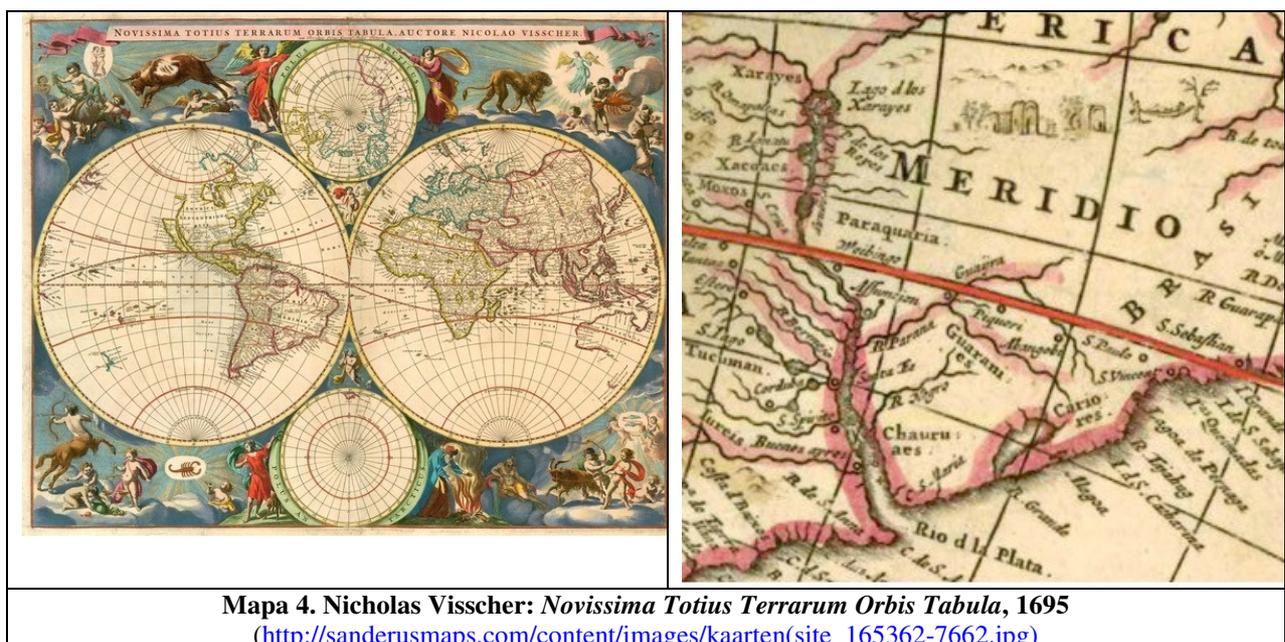
# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH BRASIL

pela perpetuação de corruptelas “etno-cartográficas”, por outro, muitos aspectos concernentes à editoração, recepção e produção de novos materiais são simplesmente notáveis, como veremos a seguir.



### Conclusão

As cartas geográficas podem ser exploradas tanto como complemento da documentação escrita quanto como fonte histórica primária. Foi nessa segunda possibilidade que apostamos para tratar de temas relativos à representação dos povos indígenas no contexto da conquista militar e espiritual no século XVII. A motivação para esse intento surgiu da percepção de que os mapas são registros imagéticos emblemáticos do avanço dessas modalidades de conquista sobre os povos indígenas rio-platenses e das expectativas dos conquistadores em relação aos mesmos.

Embora esse tenha sido o foco da análise, não conseguimos nos eximir de um debate sobre a maneira pela qual os mapas do século XVII foram recebidos ou apropriados pela historiografia mais recente. A esse respeito destacamos a reivindicação de autoria de Guillermo Furlong que, mesmo sem ter arrolado qualquer evidência, convenceu gerações de historiadores de que o *PARAGUAY, Ó PROV. DE RIO DE LA PLATA* eram um mapa de origem jesuítica. Nossa análise procurou evidenciar que as fontes são pré-jesuítica e que a elaboração deve ser creditada a geógrafos neerlandeses. Foram eles que, atentos aos negócios no *Novo Mundo*, fizeram a transposição dos grupos étnicos das crônicas quinhentistas para uma carta geográfica.

### BIBLIOGRAFIA

BARCELOS, Artur Henrique Franco. *O Mergulho no Seculum: exploração, conquista e organização espacial jesuítica na América espanhola colonial*. Tese de doutoramento em História: Área de Concentração em História das Sociedades Ibéricas e Americanas. Porto Alegre: PUC/RS, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, 2006.

BLAEU, Joan. *Toonneel des Aerdrycks, ofte Nieuwe Atlas*. Amsterdam: 1658. Disponível em: <http://www.archiefleiden.nl/home/collecties/verhalen/bladeren-door-blaeu/blaeu> - *Regionaal Archief Leiden* da Holanda.

BLAEU, Joan. *Atlas Mayor sive Geographia Blaviana*. Amsterdam: 1662.

CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. **Naufrágios e Comentários**. Trad. Jurandir S. dos Santos. Porto Alegre: LPM, 1987.

CABEZA DE VACA, Alvar Nuñez. **Naufragios y Comentarios**. Madrid: Calpe, 1922.

COSTA, Maria de Fátima. De Xarayes ao Pantanal: a cartografia de um mito geográfico. *Rev. Inst. Estud. Bras.* [online]. 2007, n.45, pp. 21-36.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
BRASIL

COSTA, Maria de Fátima. *História de um país inexistente*. O Pantanal entre os séculos XVI e XVIII. São Paulo: Estação Liberdade, Kosmos, 1999.

DE MAHIEU, Jacques: *La Agonía del Dios Sol*. Hachette, Buenos Aires, 1976.

DE MAHIEU, Jacques. *El Rey Vikingo del Paraguay*. Buenos Aires: Editorial Hachette, 1979.

FURLONG Guillermo S. J. *Cartografía Jesuitica del Rio de la Plata*. Buenos Aires, Peuser, 1936.

GOMES, Maria do Carmo Andrade. Velhos mapas, novas leituras: revisitando a história da cartografia. GEOUSP - Espaço e Tempo, São Paulo, Nº 16, pp. 67 - 79, 2004.

GUZMÁN, Ruy Díaz de. Historia Argentina del descubrimiento, población y conquista de las provincias del Río de la Plata. IN: DE ANGELIS, Pedro. *Colección de obras y documentos relativos a la Historia Antigua y Moderna de las provincias del Río de La Plata. Tomo Primero*, Buenos Aires, Imprenta del Estado, 1835

HARLEY, Brian. *La Nueva Naturaleza de los mapas: Ensayos sobre la historia de la cartografía*, México: Fondo de Cultura Económica, 2005.

HERRERA Y TORDESILLAS, Antonio de. *Historia general de los hechos de los castellanos en las islas i tierra firme del mar océano.*; Vol: 3, Madrid: Imprenta real de Nicolas Rodriquez Franco. 1728 [1625]

HUE, Sheila Moura. *Inglês no Brasil: relatos de viagem*. Anais da Biblioteca Nacional, n.126, 2009.

KALIL, Luis Guilherme Assis. *A conquista do Prata: análise da crônica de Ulrich Schmidel*. Campinas, SP : [s. n.], 2008. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.

LAET, Joannes de. *Mundo Nuevo, O, Descripción de Las Indias Occidentales*. Introducción traducción y notas de Marisa Vannini de Gerulewicz. Caracas: Universidad Simon Bolívar 1988.

LAET, Johannes de. *Nieuwe Wereldt ofte Beschrijvinghe van West-Indien, uit veelerhande Schriften ende Aen-teekeningen van verscheyden Natien*. Leiden: Ed. Elzevier, Isaac, 1625. Disponível em: <http://www.s4ulanguages.com/delaet.html> e também em: [http://books.google.com.br/books/about/Nieuwe\\_wereldt\\_ofte\\_Beschrijvinghe\\_van\\_W.html?id=VtRIAAAacAAJ&redir\\_esc=y](http://books.google.com.br/books/about/Nieuwe_wereldt_ofte_Beschrijvinghe_van_W.html?id=VtRIAAAacAAJ&redir_esc=y)

MAFFESOLI, Michel. “O imaginário é uma realidade” (entrevista a Juremir Machado da Silva). *Revista Famecos*. Porto Alegre, Edipucrs, nº 15, 2001.

PALAZZO-ALMEIDA, Carmen Lícia. - Entre mitos, utopias e razão: os olhares franceses sobre o Brasil (séculos XVI a XVIII). - EDIPUCRS, 2002.

PEDLEY, M. S. O comércio de mapas na França e na Grã Bretanha durante o século XVIII. *VARIA HISTORIA*, Belo Horizonte, vol. 23 nº 37 p. 15-29 Jan/Jun 2007.

# XXVII SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA

Conhecimento histórico e diálogo social

Natal - RN • 22 a 26 de julho 2013

ANPUH  
PARANÁ

SCHMÍDEL, Ulrich *Viaje al Río de la Plata*. Cervantes virtual. Disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/12586186423471506765435/index.htm>  
Acessado em: 19/05/2008

SCHMIDEL, Ulderico *Viaje al Rio de La Plata y Paraguay*. Buenos Aires: Imprenta del Estado, 1836.

SCHMIDEL, Ulrich. *Warhaftige Historie einer wunderbaren Schiffahrt, welche Ulrich Schmidel von Straubing von 1534 bis 1554 in America oder Neuwelt bei Brasilia oder Rio della Plata getan*. München: Ed. Levinus Hulsius / Langen, 1914. Disponível na Deutsche National Bibliothek: <http://d-nb.info/362326576/about/html>.

SILVA, Juremir Machado. *As tecnologias do imaginário*. Porto Alegre: 3ª.ed. Sulina, 2012